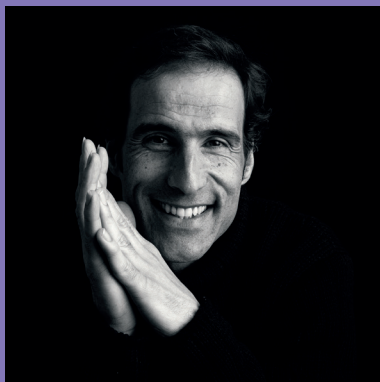


PROGRAMA

Rui Oliveira | As Palavras | Poemas e Canções
Concerto de voz guitarra e loop station



Rui Oliveira interpreta autores consagrados da língua portuguesa como Eugénio de Andrade, Miguel Torga, Ary dos Santos, Vinícius Moraes, Natália Correia ou José Afonso.

Utilizando a voz como instrumento principal e de acompanhamento o cantor aveirense cria paisagens sonoras onde respiram os poemas e as canções.

Sem alinhamento pré definido o concerto é um encontro daqueles que procuram a beleza e o sentido na música e nas palavras dos poetas.

Entrega de Prémios

www.bm-ferreiradecastro.com



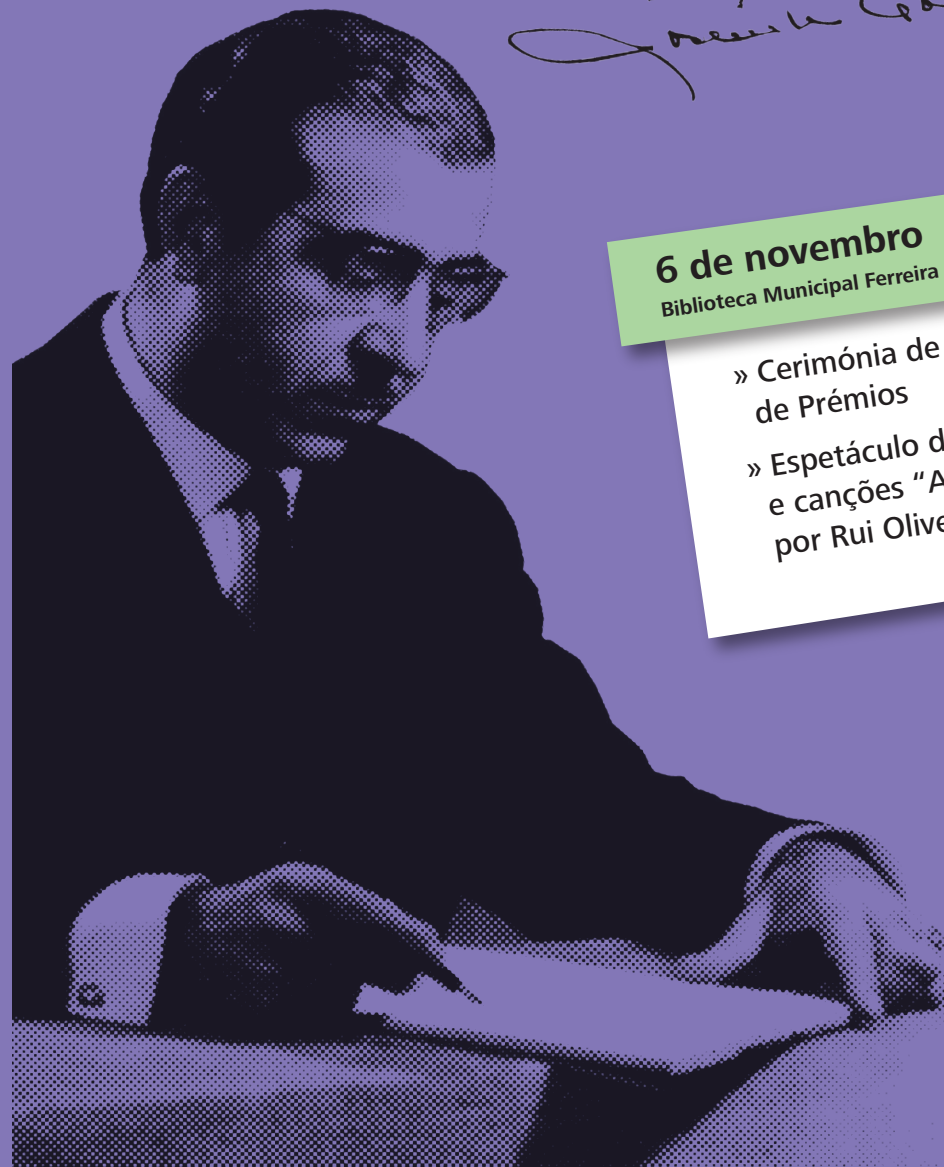
Biblioteca Municipal
Ferreira de Castro

XXI concurso de poesia

AGOSTINHO GOMES

6 de novembro | 21h30
Biblioteca Municipal Ferreira de Castro

» Cerimónia de Entrega
de Prémios
» Espetáculo de poemas
e canções "As Palavras"
por Rui Oliveira



1º LUGAR

Nome:

Maria João Pessoa

Pseudónimo:

Joaquim Sartre

Malveira, Mafra

PSEUDOBIOGRAFIA

Era assim que acontecia.

A mulher suportava no seu esforço
de dar de comer aos outros, na parte viável
da sua atenção, sem nunca perguntar,
mas quando se calava havia uma bruxa
dentro dela por causa da sua falta de malícia.
A mulher transformava-se então num fumo branco
que se afastava.

Todos gostavam da mulher, da sua forma
de falar, mas ela fustigava o sol
e escondia-se pela fresca a olhar o mar e ninguém sabia
bem porque ela não ouvia. Dizia que na sua casa havia livros
e pouco chovia e o tempo era um amigo
calmo que entrava pelas frestas das paredes quando viajava
com a criança que lá vivia.

Quando a criança chegava era para deixar de estar sozinha
e mostrar-lhe a alegoria das nuvens de que carecia para crescer.
Depois a mulher despia-se com os sentidos expostos pelos calos das mãos,
que eram as suas asas que não voavam
mas a sustentavam,
e entrava com o cabelo com que saía pelo mundo
e tudo o que nela existia de humano. E as nuvens guardavam
a humidade de séculos e séculos no movimento das suas pequenas hélices,
porque o movimento era o início que se repetia através dos dias.

Mas nem nesse instante a mulher desistia.

Ela falava para tentar ocupar o corpo
mas não cabia no corpo que lhe tinha sido dado,
nem mudando de posição com a força da água
a respirar por cima para ficar de pé, e construía o tempo
de novo apenas com uns pedaços de poesia.

2º LUGAR

Nome:

Paulo Jorge Coelho Carreira

Pseudónimo:

Paulo Marcelo

Batalha

A minha palavra

A minha palavra preferida é, deixem-me ver,
uma daquelas que se propaga pelos muros de pedra
onde os garotos se empoleiram para roubar frutos,
nêspersas em Junho ou pêssegos em Agosto,
ou onde os amantes se debruçam e fazem uma ponte
para trocar beijos, carícias nas mãos, ou no corpo,
e quem diz corpo diz rosto, pescoço, ombros, colo.
Nos muros de pedra musgo, arroz-dos-telhados e heras,
alguém que se inclina para ouvir os cucos ao domingo à tarde,
alguém que pára o seu tempo interior e aspira a luz das árvores
bebendo ao mesmo tempo o néctar de todas as frágeis flores.
Frágeis ou mansas, mas também bravias como só as flores dos muros
onde os amantes se dão e os garotos lambem o sumo nos dedos.
É uma palavra viva, que cresce e avança, teimosa em ser poema.
Madressilva, a minha palavra, que o poema não pode esperar.

3º LUGAR

Nome:

Airton Souza de Oliveira

Pseudônimo:

Hilda Hilst

Liberdade-Marabá, Pará-Brasil

Receita para emplumar o coração de um órfão

No início da noite em que meu irmão,
antes de alcançar o alpendre,
foi assassinado com dez tiros
gritando para nossa mãe abrir a porta
eu aprendi a substituir deus por ícaro
e já não sei dizer: haja luz
porque a asa é a possibilidade de sibilar
todas as solidões enraizadas nos pés do pai.

Invertebrando o chão meu irmão
compreenderá mais de escombros que de carne
diluirá a delicada saudade de deus
migrando o músculo de seu próprio peito
contra as escamas emplumando orvalhos.

Na asa de ícaro nossa mãe
espalha um alfabeto com fome de pedra
derrama todas as madrugadas sem cais
e rezas para repatriar feridas nos pássaros.

Nosso pai crava pregos na garganta
engole o cheiro descomunal dos desertos
dilata os ângulos amargos dos ossos
e como um presságio experimenta acender diásporas.

No início da noite em que meu irmão
foi assassinado com dez tiros
eu aprendi a devorar mais a carne de deus
do que a plumagem da asa de ícaro
com isso eu hoje perfumeo o algoz em vez de sarar a fé.

PRÊMIO REVELAÇÃO JUVENIL

Nome:

Miguel Miranda

Pseudônimo:

Buck

Cumeada, Sertão

Um Camaleão no Ombro do Ditador

Deixaste morrer a rosa estimada que colheste no jardim
só porque não era vermelha
e agora desprezas todas as rosas brancas.
Até aquelas que pintaste.
Uma boa noite e foste com as aves.
Nunca me esquecerei de nada, mãe.
Esqueceste tudo menos a convicção
germinada pelo seu amor.
Por onde andas agora?

Abres a tua mão sobre mares de desassossego
e no fundo procuras neles quem te louve.
É espantoso como continuas sem nada contar.
Temes um jantar de homens,
um encontro fortuito.
Quando és vazio só uma multidão te ouve.
Viveste com um camaleão afeiçoado a uma cor,
de guarda no teu ombro.

Trouxeste a arte à morte calculada de massas
mas não paraste para ver essas gentes atravessar a bruma
e pouco a pouco agarrarem-se aos últimos veios de dignidade
para que de vítimas se tornassem mártires.
Como num romance.

As mulheres nuas que se alinham perante os teus homens ao alvorecer
deixaram de suplicar.
A criança que corria debaixo da chuva,
entre os pinheiros dos teus quadros,
agora contempla a existência às portas do inferno.
Tal como os homens que pintaste.

E se em Viena viveste o mais rigoroso inverno.
Se perdeste o verão que devia ser invencível
e no teu espírito, eterno.
Vives culpando uma dobra no destino
que te causou a dor.
Porque todo o artista convicto é à sua maneira um ditador.
Viveste com um camaleão afeiçoado a uma cor, de guarda no teu ombro.

Um homem que como a maioria dos homens,
como os homens que martirizou,
precisou de morrer para conhecer a liberdade.